

Negra, ex-catadora e “favelada”: Você conhece a escritora mineira lida em 14 línguas?

(Brasileiros, 27/04/2016) Carolina Maria de Jesus foi cozinheira, empregada doméstica e passou fome. Com dois anos de estudo, escreveu sobre o cotidiano das favelas em contos, poesias e romances

Não é todo dia que uma escritora vende 1 milhão de exemplares só no Brasil e é traduzida para 14 línguas. Também não é sempre que se é lido nos Estados Unidos meio século depois. Mesmo assim, não é todo mundo que conhece esse fenômeno literário, a brasileiríssima Carolina Maria de Jesus, a “escritora favelada”.



Carolina Maria de Jesus, a “escritora favelada” (Foto: Arquivo público do Estado de São Paulo/Produção original dos fotógrafos do “Última Hora”)

O termo, de dar arrepios, fez sucesso na década de 1960, quando uma moradora da favela do Canindé, zona norte de São Paulo, ganhou os holofotes. Carolina já tinha sido doméstica e auxiliar de cozinha no interior paulista quando passou a catar lixo. Era do lixão que recolhia cadernos velhos em que registrava o cotidiano da comunidade em que vivia.

Nascida em Sacramento (MG) em 1914, ela se mudou para a capital paulista em 1947, depois de passar por Franca - no interior paulista -, época em que nasciam as primeiras favelas na cidade. Estudou pouco. Frequentou o Colégio Allan Kardec entre 1923 e 1924. Mesmo assim, reunia em casa mais de 20 cadernos com testemunhos sobre o cotidiano da comunidade. Um deles rendeu seu bestseller, Quarto de Despejo, publicado em 1960. Na época, foram três edições, 100 mil exemplares vendidos, tradução para 14 idiomas e vendas em mais de 40 países. Hoje, contabiliza-se 1 milhão de exemplares vendidos em todo o Brasil.



Carolina depois da fama (Foto: Arquivo público do Estado de São Paulo/Produção original dos fotógrafos do “Última Hora”)

Carolina era uma mulher briguenta, que ameaçava os vizinhos prometendo escrever tudo em um livro. Os cadernos continham contos, poesias e romances. Um deles foi publicado em 1958 pelo grupo *Folha de S.Paulo* e, em 1959, pela revista *O Cruzeiro*.

As descrições versavam sobre o cotidiano na comunidade: como acordar, buscar água, fazer o café. “Ela conta que tinha um lixão perto da favela, onde ela ia catar coisas. Lá, ela soube que um menino, chamado Dinho, tinha encontrado um pedaço de carne estragada, comeu e morreu. Ela conta essa história sem comentário, praticamente. Isso tem uma força extraordinária”, lembra Audálio Dantas, jornalista que descobriu a escritora em 1958, em entrevista para a EBC.

Em um trecho de um dos seus livros, a autora escreve sobre passar fome. “Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.” Para Audálio, “um escritor pode ficcionar isso, mas ela estava sentindo”.

Carolina se considerava uma escritora mesmo antes da primeira publicação. O sucesso do primeiro livro, no entanto, não se repetiu nos títulos seguintes. *A Casa de Alvenaria* (1961) vendeu 10 mil exemplares.

Artista de sangue, tinha pretensões de se aventurar por diferentes ramos artísticos, como a música. Em 1961, lançou um disco com o mesmo título de seu primeiro livro: 12 canções de sua autoria, entre elas *O Pobre e o Rico*. “Rico faz guerra, pobre não sabe por quê. Pobre vai na guerra, tem que morrer. Pobre só pensa no arroz e no feijão. Pobre não envolve nos negócios da nação”, diz um trecho.

Como muitos artistas de hoje, a escritora acabou consumida como curiosidade e depois descartada pela classe média. “Costumo dizer que ela foi um objeto de consumo. Uma negra, favelada, semianalfabeta e que muita gente achava que era impossível que alguém daquela condição escrevesse

aquele livro”, acredita o jornalista.

Carolina de Jesus publicou ainda *Pedaços de Fome e Provérbios*, os dois em 1963, custeados por ela. Quando morreu, em 1977, foram publicados o *Diário de Bitita*, com recordações da infância e da juventude; *Um Brasil para Brasileiros* (1982); *Meu Estranho Diário*; e *Antologia Pessoal* (1996).

Se no Brasil ela foi quase esquecida, Carolina Maria de Jesus é muito lida nas escolas norte-americanas até os dias de hoje.



Carolina Maria de Jesus em sua casa (Foto: Arquivo público do Estado de São Paulo/Produção original dos fotógrafos do “Última Hora”)

Acesse no site de origem: Negra, ex-catadora e “favelada”: Você conhece a escritora mineira lida em 14 línguas? (Brasileiros, 24/04/2016)

Literatura: ausência de negras revela forma distorcida de representar sociedade

(Agência Brasil) Passados mais de 50 anos da publicação do primeiro livro da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977), a presença da mulher negra na literatura, seja como autora ou como personagem, ainda é pequena e mostra uma homogeneidade racial que não corresponde à realidade da sociedade brasileira.

A pesquisadora Andressa Marques, mestra em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), contabiliza apenas seis romancistas negras contemporâneas. Uma pesquisa da mesma universidade, coordenada pela professora Regina Dalcastagnè, com base na análise de 258 livros publicados

no período de 1990 a 2004, registra a presença de 79,8% de personagens brancas entre os de maior importância.

O Censo Demográfico 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) aponta que pouco mais de 50% da população do país se declarou parda ou negra.

“À mulher negra se espera que ela faça muita coisa: cozinhe, dance, cuide de uma casa. Há todo um processo histórico que colocou essa mulher em determinadas posições. Não se acredita muito na competência dela para escrever”, avalia a escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Para Andressa Marques, essa ausência tem um impacto importante na formação da sociedade brasileira, pois a literatura, ao dar voz apenas a determinados segmentos, constrói uma forma distorcida das representações sociais. “O sistema educacional, por exemplo, vai recorrer à literatura como um aporte de formação cidadã. Ao passo que a gente não se vê representado nessa literatura, corremos o risco de ter uma representação uníssona da sociedade. É como se a gente estivesse em um país que fosse totalmente homogêneo”, declarou.

Nesse sentido, Conceição acredita que esta é uma das principais contribuições de Carolina à literatura brasileira. “É a possibilidade ou a necessidade de ter vozes mais diferenciadas no sistema literário brasileiro”, apontou.

Para ela, não há dúvida de que a produção de Carolina tenha valor literário. “Ela marca essa possibilidade de grupos trabalharem com a língua portuguesa conforme a sua própria competência. A literatura brasileira é essa possibilidade de pessoas de diversos estratos sociais utilizarem a língua de acordo com a sua experiência”, destacou.

Inspirada pela obra de Carolina de Jesus, Conceição Evaristo é uma das romancistas negras de maior destaque no campo literário brasileiro atual. Autora de livros como Ponciá Vicêncio e Becos da Memória, ela conta que o primeiro contato com o texto de Carolina revelou um sentimento de

aproximação de realidades. “Naquele momento, eu também morava em uma grande favela de Belo Horizonte. Minha família toda se interessou. A gente lia como se fosse também personagem daquele diário e isso nos marcou muito”, relembra.

A influência na família foi tanta que a mãe de Conceição passou a escrever um diário depois de conhecer a obra de Carolina. “Ela escreve muito marcada por saber que outra mulher, igual a ela, favelada, tinha feito um diário”, conta. A autora guarda esse testemunho como um objeto de recordação familiar, mas a produção dela também é alimentada por esse registro, como ocorre em *Becos da Memória*.

Conceição lembra que havia um ambiente social receptivo à produção de Carolina. “O que ela estava dizendo, era aquilo que nós [dos movimentos populares] também de certa forma falávamos. Nós éramos a Carolina”, relata ela, que era atuante no movimento operário e trabalhou como doméstica quando estudava. “Ao simbolizar a voz do povo, ela trazia para a classe média, para os intelectuais, para a militância católica, a voz do povo que esses grupos queriam, pretensamente, ouvir”, avaliou.

Para a professora, o mesmo ambiente que tornou a palavra de Carolina necessária o deixou cair no esquecimento. “Ela não era aquela que falava da luta de classe, ela falava de uma forma muito particular, a partir da experiência. Não era um discurso que criticava, por exemplo, as estruturas econômicas. Tem um texto que diz que em um ano ela foi tudo e no outro ano ela foi carta fora do baralho”, apontou.

Conceição avalia que a absorção do discurso de Carolina era uma forma também de a classe média, a intelectualidade e a classe política expurgarem uma culpa latente pela existência dessa condição miserável ao qual muitos estavam sujeitos.

Acesse o PDF: [Literatura: ausência de negras revela forma distorcida de representar sociedade \(Agência Brasil - 14/03/2014\)](#)

[Acesse o site de origem](#)

